

Memórias de um Terraço: a “redenção pelo detalhe” e a recusa à antropologia da dor¹

Joana Dias Barros (UFRPE/PE)

Palavras-chave: Escrivivência. Antropologia Feminista. Memória.

RESUMO:

Este trabalho propõe um deslocamento das narrativas antropológicas que, ao estudarem as experiências femininas no mundo doméstico, privilegiam abordagens que dão ênfase à dor e ao sofrimento. Sob o conceito de “Redenção pelo Detalhe”, investigo a trajetória de minha avó materna como uma potencialidade viva, capaz de se reinventar no cotidiano do cuidado para a criação de um novo futuro. As memórias no terraço são marcadas pelo ato de cuidado através de um celular antigo, o qual fazia registro diário das netas. Assim, busco tatear as potencialidades de vó-menina a avó-mulher, analisando o processo dessa retomada subjetiva a habitar a si mesma após décadas de dedicação ao outro.

ABSTRACT:

This paper proposes a shift in anthropological narratives that, when studying women's experiences within the domestic sphere, privilege approaches emphasizing pain and suffering. Under the concept of “Redemption through Detail,” I investigate my maternal grandmother's trajectory as a living potentiality, capable of reinventing herself in the everyday life of caregiving to create a new future. The memories on the terrace are marked by the act of care through an old cell phone, which she used to keep daily records of her granddaughters. Thus, I seek to grasp the potentialities from girl-grandmother to woman-grandmother, analyzing the process of this subjective reclaiming to inhabit herself after decades of dedication to others.

Minha avó Ana

Um amigo me disse, certa vez, que eu enxergo o amor como redenção. Demorei um tempo para conseguir compreender esse olhar, mas hoje percebo que essa lente não é minha, mas herdada pela minha avó Ana. Ela que, apesar das dificuldades, foi quem sustentou minha irmã e a mim quando o abandono paterno abriu feridas no ato de fazer-família dentro de casa. Nossa casa sempre foi um esforço conjunto de transformar a ausência em presença: minha mãe, no cansaço do trabalho juntamente com o meu avô para garantir nosso sustento; e a minha avó, na guarda de casa.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

Se hoje enxergo beleza nos detalhes e grandeza nos encontros da vida, é porque vi essas mulheres transformarem a nossa sobrevivência em um exercício de inventar futuros. Vó Ana, com seu celular antigo que só recebia ligações de minha mãe e fazia registros com um celular de câmera duvidosa para acompanhar nosso crescimento, registrava nossas manhãs no sofá prontas para ir à escola, a chegada da nossa cachorrinha e o brilho do sol nas nossas brincadeiras no terraço de casa.

Enquanto o Estado impõe o padrão de família ideal e via a nossa como disfuncional, o visor do celular antigo nos via como inteiras, amadas e solares. Minha avó foi dona de casa para que hoje eu pudesse ter a oportunidade da escolha; sua vida, movida aos cuidados com a casa, me empurravam para a independência que sempre sonhou para mim. “Não te criei para ser o que sou”, ela diz.

Apesar dos desconfortos que é escrever sobre as vivências familiares, me conforto com as histórias de Vó Ana, e me descubro, uma vez que falar dela também é falar de mim e perceber as marcas que narram quem eu sou. A partir de um olhar antropológico, me debruço em desmascarar abordagens que enfatizam sofrimento e passividade ao enxergar não só a minha avó, mas diversas mulheres que precisam ser passivas para continuar vivendo, ou na verdade, sobrevivendo.

Proponho uma visão positiva de empoderamento feminino e suas potencialidades via memória e cuidado, com esperança ou não, inventar novos futuros e novas maneiras de viver. Hoje, mesmo com o amor e o cuidado permanecendo, consigo observar sua volta para si; após décadas sendo o espelho da família, Ana reconhece seu próprio rosto. Minha pesquisa é, portanto, sobre essa redenção: o registro desse retorno e a celebração de um amor que não espera, mas fabrica a própria luz em tardes no terraço.

Para dar sentido à minha escrita e às marcas que narro, este trabalho ancora-se metodologicamente na Escrivência de Conceição Evaristo, compreendendo que minha posição de neta e pesquisadora permite acessar camadas da intimidade do parentesco (Damásio, 2025) que escapariam a um olhar externo. A análise que se segue propõe um deslocamento das narrativas que privilegiam a dor, para focar no que denomino “Redenção pelo Detalhe”: o uso estratégico da memória e do registro doméstico como ferramenta de produção da nossa família.

O corpo que narra: a Escrivivência como desobediência

Escrever com o corpo é, antes de tudo, um exercício de desobediência. Ao adotar a escrevivência como norte tecido por Conceição Evaristo (2007), não busco o distanciamento asséptico do objeto, mas o mergulho nas marcas que me constituem.

Quando crianças, somos levados a acreditar que nosso cuidador não existe para além daquele papel; uma existência funcional e absoluta. Ao escrever e partilhar minhas análises com Ana, vi-me envergonhada pelo egoísmo de encaixá-la apenas na moldura de 'minha avó'. Sob o abrigo do seu cuidado, ela parecia existir apenas para nós, cumprindo funções que lhe foram atribuídas pelo tempo e pela necessidade. Seu passado, de alguma forma, me escapava. Foi nesse vácuo de memória que me peguei imaginando a vó-menina².

Minha avó sempre gostou de contar histórias e é através dessas narrações que fui compreendendo a complexidade de vó-menina e o processo de tornar-se avó-mulher. Ao contar suas histórias, lembra de suas tias e primas distantes, com quem revisita em memória sempre com muito carinho e pelas aventuras engraçadas do curso de suas vidas. Lembranças essas que também estava inserida. A partir dessas revisitações, era como se minha avó trouxesse à tona uma outra mulher que não cheguei a conhecer, narrando momentos de sua vida (Damásio, 2025).

Além disso, essas revisitações de memória fazem com que Vó Ana descreva esses lugares como se estivesse movendo as pessoas para aquele lugar, aquela época e por vezes, para o sentimento vivido daquele espaço que carrega tensões de memória. Chamado por Deleuze (1988 *apud* GODOI, 2021) de “memória-mundo”. Nesse movimento da fala, o ontem se atualiza e coexiste com o agora, operando na dinâmica daquilo que Leda Martins (1997) define como tempo espiralar, operando a partir de

² Vó-menina: uma categoria que criei para tentar tatear quem ela era antes de nós.

marcos que recusam a linearidade cronológica e datada proposta pelo Ocidente. A partir dessa perspectiva, proponho revisitar as “memória-mundo” que marcaram o ato de cuidado de Vó Ana as suas netas em minha memória, dando nome a esses espaços e fotografando imagens coletivas que remetem ao tempo vivido.

Dando continuidade à história, essas relações vividas me fazem imaginar a vó-menina cheia de vontades e sonhos, encontrando na promessa de um casamento uma saída para tornar-se livre de sua dura realidade. Mal sabia ela quantas outras prisões estavam em seu caminho, mas enquanto houvesse esperança de uma vida melhor, desabrocharam nela novas habilidades e a potência de transformar o futuro dessa avó-mulher em processo, e consequentemente, o meu como linhas de sua continuidade.

Ao se tornar essa figura de liderança na construção de sua família, situada em uma necessidade de sobrevivência, carregou isso para a vida das mulheres que vieram depois dela. Na prática, observei e ouvi seus conselhos aos relacionamentos difíceis que sua filha passou, incentivando sua liberdade e enfatizando a importância da não-dependência, seja ela qual for. Talvez esse tenha sido e ainda seja o medo: o abandono. Eles estão presentes na nossa história; nós sempre ficamos e buscamos um jeito de ressignificá-lo.

É a partir desse lugar de permanência que minha análise se afirma: não pelo distanciamento, mas pela proximidade com a vida. Meus escritos não buscam apenas observar Vó Ana e suas memórias, mas propor um diálogo contínuo com ela. Esta pesquisa se faz, na escuta e na presença, reconhecendo que a voz de minha avó não é um dado a ser colocado, mas uma sabedoria ancestral que com seus descompassos e linhas caminha junto à minha. É no estar com ela, no terraço e em outros cômodos da casa, que a escrivência se completa como um exercício ético de partilha, ressignificação e memória.

Entre o Beco e o Terraço

Nossa casa nunca foi apenas um conjunto de paredes; ela sempre foi um projeto coletivo de nos manter seguras. Antes de a escada existir, o beco era o nosso único caminho, uma espécie de gargalo por onde a vida precisava passar todos os dias. Para quem olhava de fora, era só um beco da comunidade, mas para nós, era o lugar onde o medo se materializava na falta de saneamento e na insegurança de um bairro marcado

pela violência. Sair de casa era encarar o beco; voltar para casa era o alívio de subir para o terraço e encontrar nosso abrigo.

Lembro do dia, entre a rotina que se repetia, as manhãs para ir à escola. Você nos acordava cedo e, quando fazíamos muita manha, nos trocava na cama mesmo, colocando a farda e os sapatos. Muitas vezes, nosso café da manhã era o leite na mamadeira que você preparava antes de nos acordar. É uma cena que se repete na minha cabeça quando penso no seu ato incansável de cuidado e memória na minha infância. Além disso, você nos deixava na escola pela manhã e ia nos buscar por volta das 11h30 ou 12h.

A quentura era tanta que sempre chegávamos em casa exaustas e cheias de fome. Você tinha esse curto período de tempo para realizar as atividades domésticas e organizar o mundo aqui dentro. Não lembro ao certo minha idade, e aí vem a dificuldade de juntar as descontinuidades da vida e refazer memórias que são um compilado de dias sem datas, mas lembro que a comida sempre estava pronta e a casa, limpa e organizada.

Essa organização era o que permitia que minha mãe e meu avô estivessem no "mundo de fora", trabalhando para que a vida não parasse. A escada que temos hoje era um sonho compartilhado por todos. Não foi minha avó quem a financiou com dinheiro, que nos faltava, mas foi o seu cuidado que deu o suporte necessário para que minha mãe e meu avô pudessem trabalhar e, finalmente, levantar cada degrau. A escada foi o esforço de uma família inteira para não depender mais daquele beco.

Também lembro da dificuldade que era ir à escola nos dias chuvosos. Por morarmos em uma comunidade que não recebia o olhar de quem poderia resolver os problemas de saneamento básico, aprendemos a conviver com o descaso, sendo o alagamento um dos maiores obstáculos. Você sempre foi criativa e colocava sacos plásticos de mercado ou da feira de rua amarrados em nossos pés para que a água suja não nos atingisse na hora de descer o morro.

A água era gelada e forte, percorrendo e consumindo não só a rua da nossa casa, mas a de todos que dividiam aquele temido beco que, na época, tinha uma fossa aberta. Todos reclamavam, tiravam fotos para registrar a nossa situação, mas nada era resolvido pelo poder público. E as dificuldades estavam ali, escancaradas, como uma ferida aberta que

me fazia olhar bem de perto aquela água suja, lamentar e em seguida, descer do jeito que dava e enfrentar.

Essa situação se perpetuou por bastante tempo e tivemos que continuar e traçar novas possibilidades, novas maneiras de “redenção” para fazer. O que me deixa intrigada sempre que lembro desses momentos é que você se manteve forte em todos eles, mesmo em momentos em que você cansou da rotina ou quando os problemas financeiros apertaram, aqui sua força se mostrava imbatível, nada te parava. E até ria com a gente quando precisávamos colocar o saco de plástico no pé. A situação era trágica, uma vez que não tínhamos bota, mas sempre achei engraçado usar aquilo. Aquele riso, no meio da água suja do beco, era a nossa primeira forma de redenção.

Aqui vejo a “Redenção pelo Detalhe” em sua forma mais tática. Enquanto o Estado e os olhares externos registravam a nossa situação para provar a nossa precariedade e disfuncionalidade, minha família operava na urgência da dignidade, ao mostrar que os desafios não nos tornavam menos dignos de nada. No visor daquele celular antigo, o que ficava guardado não era o medo do beco ou a lama no plástico, mas a nossa insistência em ressignificar, mesmo em momentos de dificuldade, a vida. O riso de Vó Ana não era um riso de conformidade, mas de desobediência. Ela não permitia que o beco e nem ninguém nos definisse.

Hoje, a escada existe. Ela corta o caminho, ignora o beco e nos coloca de frente para a rua. Essa escada é o monumento físico de um cuidado que conflui do compartilhamento: uma saída construída coletivamente para que o medo não fosse a nossa única porta de entrada. E para além disso, a escada se torna um lugar que se expressa por memórias coletivas de uma família, tendo em vista que não são arbitrários, são resultados de muita luta e cuidado. Se o visor do celular antigo registrava nossa alegria no terraço, era porque aquele espaço era considerado nosso lugar de paz, vivência da liberdade, dos costumes culturais e da nossa forma de ser, chamado também de quilombo, na acepção de Beatriz Nascimento (O NEGRO..., 1977).

A bell hooks costuma dizer que, para as mulheres negras, o lar sempre foi muito mais que um teto; foi um lugar de resistência política contra um mundo que as queria no chão. Ao observar minha avó Ana regando as plantas, contando histórias e brincando, percebo que, embora minha pele não carregue as mesmas marcas que a dela, o chão onde

piso foi fundado por essa força. Sua escrita evidencia sobre como essas mulheres transformaram a casa em um espaço de cura, e eu vejo isso no nosso terraço: uma soberania que me acolheu e me permitiu crescer com alegria, mas também com a consciência de que dificuldades vieram e continuariam vindo. Minha avó não leu hooks, mas foi através das suas vivências que essa teoria se tornou mais uma potencialidade das experiências femininas vividas em mim.

Refazenda

O protagonismo que hoje se permeia pelas plantas no terraço e pelos projetos coletivos de uma família, teve seu início nas primeiras raízes no mato das terras da Usina Barão de Suassuna, área rural do município de Escada em Pernambuco e na Usina Ipojuca, também em zona rural de Ipojuca. Sua infância, adolescência e início da vida adulta foi marcada por esse entorno de uma comunidade composta por trabalhadores de campo, concentrações de engenhos e plantações de cana-de-açúcar.

Março de 1996, um dia antes da festa da cidade, os destinos de Ana mudaram de curso. Foi o momento em que ela e sua família decidiram sair para dar continuidade a vida mais perto do comércio da cidade, dos serviços e, acima de tudo, para uma qualidade de vida que as usinas já não permitiam mais. O corredor que nos dá acesso ao terraço mostra as mudanças que o tempo refez com a vida da minha avó antes mesmo da minha existência e mostra o início de novas vidas.

Figura 1 - Corredor



Corredor, 1998.

Figura 2 - A redenção



A redenção, 2026.

Na tentativa de reconstruir o trabalho via memória e cuidado de Vó Ana com suas netas, busquei tatear suas lembranças em momentos de escuta e encontros familiares nos álbuns de família, algo que ela guarda com muito carinho, pois ama ter registros impressos. Além disso, usei esses álbuns como construções de memórias visuais que marcam e colocam em ordem o mundo que ela e sua família estavam vivendo, compreendendo o que fez com que Vó Ana chegasse até essa casa e as mudanças que ocorreram.

A primeira fotografia, retratada acima [em 1998], foi achada por acaso. A articulação inicial era achar uma imagem que registrasse o terraço, espaço central da pesquisa e que narra visualmente as vivências de Vó Ana e suas netas. Contudo, ao me deparar com esse registro do corredor, me vi na responsabilidade de reconstruir os processos familiares através das histórias de família (Kofes, 2007). Isso porque o processo de tatear a *vó-menina* até tornar-se *vó-mulher* ocorreu a partir do seu próprio curso de vida e das escolhas que teve que fazer.

Isso traz reflexões importantes, porque além da memória, o parentesco é um fator fundamental nas histórias de família. Vó Ana como categoria central nas relações de parentesco, foi quem garantiu a continuação de sua história e de sua família do tempo presente e passado, criando assim essa rede de memórias (Godoi, 2021) que foi possível para a realização desse trabalho.

Desde 1998 até 2026, muitas coisas aconteceram com essa mulher, não só visíveis, mas invisíveis também. Sua subjetividade foi ganhando outro espaço, suas percepções se modificaram, assim como seu corpo e a vizinhança. Houve, com isso, muitas perdas e dores. Mas também vida e alegria. Se na perspectiva de Kofes (2007), uma trajetória não é definida na busca de uma coerência absoluta ou como um processo linear, mas habita nos pedaços, descontinuidades e contradições de uma narrativa. Vó Ana tateou sua própria emancipação, escolhendo o que lembrar e o que refazer.

O celular

Vó Ana nunca se deu muito bem com os avanços tecnológicos dos celulares. Quando suas netas eram menores, ela tinha um aparelho pequeno e preto, que só

funcionava para fazer ligações e registros fotográficos das meninas³. A principal função desse aparelho era a comunicação com sua filha, Juliana, fazendo registros no terraço de casa, o lugar onde as brincadeiras e memórias de família aconteciam.

Nesse cenário, o celular atuava como uma ferramenta de produção de dignidade, opondo-se às classificações estatais de uma família considerada disfuncional. Essa percepção de 'família ideal' se ancora por lógicas de um mesmo sistema de poder, como o patriarcado e o Estado, por exemplo. Mas eram também reforçadas pelas fofocas de família que rolavam; como analisa Cláudia Fonseca em *Família, fofoca e honra*, esse falatório moldava as reputações e determinava como e quem estava certo e errado nessa história, cada um tomando partido de um lado, como se a vida de duas crianças se resumisse a essa “disputa” que nunca compreendi direito o motivo.

Aliás, a ausência paterna sempre foi um assunto presente, o que não nos deixava esquecer, nem se quiséssemos. Em detrimento disso, reforço que, ao estudar pesquisa antropológica, não busco uma verdade e nem um lado, mas das diferentes versões de uma mesma história, a da minha família.

A partir das linhas de registro de Vó Ana, ela funcionava contra esses padrões instaurados, mostrando para todos, mesmo que sem intenção, os registros das brincadeiras das netas. Apesar da pouca qualidade que o visor do celular tinha, as dificuldades, medos e inseguranças não se criavam. É a criação de uma narrativa de existência e valor que alguns tentavam nos negar, principalmente pelo fato de sermos “crianças criadas sem pai”, como diz minha avó. E que reforçava a estigmatização das famílias pobres formadas majoritariamente por mulheres, “vistas inevitavelmente como desorganizadas por não corresponderem ao modelo ‘normal’” (Fonseca, 2022, p. 513).

Então, tínhamos que nos mostrar fortes e resistentes, porque a maternidade solo é colocada em xeque quando a figura do pai não é uma liderança na casa. Como muitos afirmavam essa suposta falta que cercava na criação das netas, ao fotografar o terraço cheio de vida, Vó Ana operava em mais um ato de resistência: ela documentava que, ali, nada faltava.

³ "meninas" é uma categoria nativa que Vó Ana utiliza quando se refere às suas netas.

Contudo, esse empenho em costurar o que faltava deixou suas marcas. Ao projetar nas netas a liberdade das escolhas que lhe foram negadas, Vó Ana também entregava, entre um clique e outro no terraço, o peso de sermos o seu acerto. Ao mesmo tempo que o seu cuidado nos armava para o mundo, ele nos cercava em uma moldura de expectativas. A independência que hoje desfruto é, em parte, o usufruto de sua renúncia, e reconhecer isso dói tanto quanto liberta.

Além disso, o sentimento de abandono retorna como sombra, nos lembrando dos diferentes modos do curso de vida das netas, que agora estão criando espaço para ser, existir e estar no mundo. E que apesar de nos querer voando e se permitindo ser, também nos quer em seu abrigo, guardadas da dureza da vida e dos marcadores sociais que cruzam com a nossa existência.

Esse 'garantir' o nosso destino, portanto, carrega o paradoxo de uma projeção que nos vê gigantes, mas que também espera que a nossa grandeza seja a resposta final para todas as suas antigas dores. Nessa dinâmica, o registro do outro era o centro; o visor do celular antigo não possuía espaço para o rosto da fotógrafa, pois sua própria subjetividade estava em pausa, em nome da nossa.

A mudança tecnológica, contudo, trouxe consigo uma fresta para a alteridade. Com o tempo, Vó Ana ganhou um celular novo das filhas com um intuito principal: se comunicar. Percebe-se que o ato de comunicar aqui segue com a mesma finalidade, pois mantém o cuidado com aqueles que cercam sua vida, mesmo com a distância.

As dificuldades para manusear o aparelho aumentaram por ser considerado um celular mais digital; agora, quando me vejo ensinando a ela alguns comandos que nem sei como aprendi, isso me coloca em uma posição de cuidado para com a minha avó também. O ensino do toque na tela torna-se, então, o ensaio de uma nova autonomia.

Em uma manhã em casa com Vó Ana, ela perguntou como tirava fotos no celular. Minha primeira reação foi pegar o aparelho e ensinar o passo a passo. Depois, quando ela já estava tirando sozinha fotos do seu "eu", me peguei imaginando o tempo em que era ela quem fazia registros da gente sem ajuda de ninguém, uma vez que já sabia.

É nessa fresta de alteridade que o silêncio de Vó Ana encontra eco nas formulações de Michael Pollak sobre as "memórias subterrâneas". Mas antes de entrar

nessas memórias chamadas subterrâneas, vamos para o que Pollak denomina como “memória oficial”, essa intitulada pelo Estado, que propõe leis e normas sociais que dominam o que pode ser mostrado, registrado e validado.

Aqui, a construção familiar só se torna digna se tiver a figura paterna, nos considerando disfuncionais diante de um discurso patriarcal. Entretanto, quando a memória subterrânea chega à superfície da família, ela toma outros contornos e sai do subsolo para se mostrar viva, presente e digna quando Vó Ana aprende a se fotografar, a se ver e reivindicar o direito da memória.

Mergulho nessa relação com os anos que se passaram e com o hoje: se ontem minha avó nos registrava sozinha para garantir nossa dignidade diante do mundo, hoje eu ensino como registrar-se para que ela recupere a sua própria. Ao capturar seu rosto na tela, Ana começa a desmanchar a moldura das nossas expectativas para, finalmente, habitar a si mesma.

Detalhes⁴

Figura 3 – O reflexo



⁴ Os registros fotográficos utilizados são da minha autoria e possuíram autorização oral da minha avó para serem publicadas.

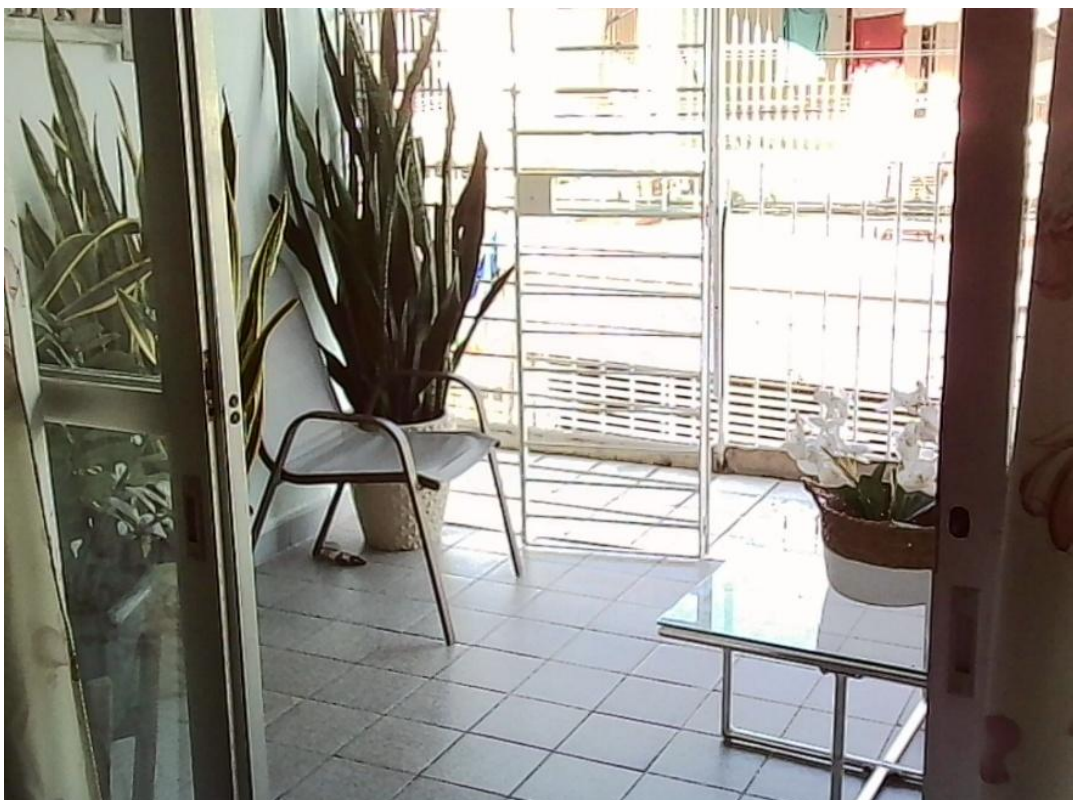
O reflexo, 2026.

Figura 4 - Ancestralidade



Ancestralidade, 2026.

Figura 5 – O terraço



O terraço, 2026.

Figura 6 - O tempo



O tempo, 2026.

Figura 7 – Traços



Traços, 2026.

Figura 8 – Espada-de-São-Jorge



Espada-de-São-Jorge, 2026.

Figura 9 - Costume



Costume, 2026.

Figura 10 – Memória



Memória, 2026.

Continuidades, linhas e descompassos de vó Ana

Como finalizar um campo que, muitas vezes, é inacabado? Morar com a minha avó me apresentou uma dificuldade minha durante o tempo da pesquisa e para além dela: existe um fim nas relações de parentesco? E as memórias, como ficam? Finalizo com a compreensão de que as continuidades que minha avó apresentou durante o campo mostraram que a nossa família é feita desses descompassos, dessas mudanças e desses lugares de memória que nos desestruturam.

Falando em memória, recordar em álbuns sua vida e ouvir as histórias que se permeiam na experiência vivida, na imaginação e no tempo me fez reconhecer que o beco, o terraço, a escada e aquele celular pequeno e preto foram essenciais para essa reconstrução. São esses lugares de memória, junto com o tempo, que deram a ordem a essa grande história.

Um processo feito por muitas vozes, mãos e, principalmente, por mulheres. O fazer antropológico deu a astúcia de reconectar as relações de parentesco de Vó Ana, criando, assim, esses espaços de memória que são vividos por meio do coletivo, das mudanças e das estruturas que vão tomando forma, mas também desmoronando dentro da gente.

Com isso, é preciso que nossas certezas sejam desconstruídas pelo outro. É preciso que isso modifique quem fomos, quem somos e quem queremos ser para nós e para aqueles com quem compartilhamos a vida, os sonhos, as incertezas e as certezas (se é que elas existem). Porque as histórias de família me mostraram isso: que nada surge de um processo linear, e se foi contado assim, provavelmente há mais uma história para chegar à superfície. A volta a si mesma tem se tornado um exercício de atenção para com a minha avó.

Agora, ela compreende que, para continuar cuidando de quem ama, precisa se cuidar primeiro. O cuidado com o corpo, com a pele, as roupas e os acessórios: todo esse conjunto faz parte da continuidade que Vó Ana se permitiu vivenciar. Esses escritos não se iniciaram em mim, mas no amor e no cuidado que ela deu à vida, às pessoas e, principalmente, a si mesma, apesar das dores.

Finalizo essa escrita não como um fim, mas como um pedaço das continuidades de vó-menina a vó-mulher.

Referências

DAMÁSIO, Ana Clara. Fazer família e fazer antropologia: uma etnografia dentro de casa. 1. ed. Curitiba: **Appris**, 2025.

DAMÁSIO, Ana Clara Sousa. Etnografia em Casa: entre parentes e aproximações. **Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 1-32, 2021.

DEL PRIORE, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. 8. reimpr. São Paulo: **Contexto**, 2022.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 3. ed. Rio de Janeiro: **Pallas**, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, p. 1-3, 2007.

FONSECA, Claudia. Família, fofoca e honra: a etnografia de relações de gênero e violência em vilas porto-alegrenses. Porto Alegre: **Editora da UFRGS**, 2000.

FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. 8. reimpr. São Paulo: **Contexto**, 2022. p. 510-553.

GODOI, Emília Pietrafesa de. Apontamentos sobre memória, tempo e pessoa. **Ruris**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 51-78, 2021.

HOOKS, bell. Constituir o lar: um espaço de resistência. In: HOOKS, bell. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: **Elefante**, 2019. p. 102-117.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 117-141, 2007.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, 2003.

O NEGRO da Senzala ao Soul. Realização: Departamento de Jornalismo da TV Cultura de São Paulo. São Paulo: **TV Cultura**, 1977. 1 vídeo (52 min).

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.